

---

## Pixação em Belo Horizonte

Identidade e Transgressão como Apropriação do Espaço Urbano

**Flávia Cristina Soares**

---

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/565>

DOI: 10.4000/pontourbe.565

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Referência eletrónica**

Flávia Cristina Soares, « Pixação em Belo Horizonte », *Ponto Urbe* [Online], 12 | 2013, posto online no dia 31 julho 2013, consultado o 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/565> ; DOI : 10.4000/pontourbe.565

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 Abril 2019.

© NAU

---

# Pixação em Belo Horizonte

Identidade e Transgressão como Apropriação do Espaço Urbano

Flávia Cristina Soares

---

## Introdução

- 1 Este artigo se propõe a discutir a relação estabelecida entre os pixadores<sup>1</sup> da cidade de Belo Horizonte e a apropriação do espaço urbano. A escolha por este tema de pesquisa se consolidou a partir das mudanças realizadas pelo poder público com a finalidade de impedir que a prática se disseminasse pela cidade. A primeira iniciativa consistiu em prender seis jovens com idade entre 21 a 27 anos praticando o crime de formação de quadrilha para a prática de pixação. Em seguida, a Delegacia Especializada para combater a pixação foi inaugurada na metrópole. Ao mesmo tempo, o projeto intitulado *Movimento Respeito por BH* foi implantado com três frentes de atuação: repressão qualificada, sensibilização social e limpeza, mobilizando associações comunitárias e a iniciativa privada. Diante deste contexto, verificamos um crescente número de *detonas*<sup>2</sup> nos muros, nos edifícios, nas placas e nas calçadas da cidade e um aumento de adolescentes cumprindo Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida e Prestação de Serviços à Comunidade<sup>3</sup>. Tal situação permitiu indagar qual é a relação estabelecida entre os jovens pixadores e a cidade.
- 2 Para a realização da investigação, utilizamos como metodologia de trabalho a observação participante no Duelo de MC's localizado embaixo do Viaduto Santa Tereza, no centro da capital. O *point*<sup>4</sup> é frequentado por integrantes e admiradores do Movimento Hip Hop, skatistas e pixadores. Devido à quantidade expressiva de jovens que praticam a pixação, escolhemos pesquisar os *Pixadores de Elite* (PE) por serem os mais antigos de Belo Horizonte e por obterem uma notoriedade entre os pares. A partir desta escolha, frequentamos reuniões e encontros promovidos pelo grupo vivenciando o cotidiano dos jovens e verificando como eles se apropriam do espaço urbano através das marcas estampadas nos muros. Também foram feitas entrevistas semiestruturadas para colher dados em relação à constituição de identidade, a apropriação do espaço urbano e a

transgressão, incluindo membros dos anos 90 e 2000. Os nomes originais dos entrevistados foram mantidos em sigilo.

- 3 Através das entrevistas realizadas, os jovens ressaltaram a importância das reportagens em jornais, revistas e televisão como forma de obter *ibope*<sup>5</sup>. Sendo assim, analisamos algumas reportagens cedidas pelos próprios pixadores e obtidas no Arquivo Público Mineiro e na Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa. As redes sociais, também, foram um dispositivo interessante para se aproximar dos pixadores e inserir nos grupos de discussão, observando a divulgação do pixo e a interação entre eles. No entanto, para se aproximar dos jovens envolvidos com a prática de pixação foi necessário um tempo para estabelecer a confiança, pois acreditavam que a presença de uma pesquisadora no campo fazia parte de uma estratégia policial em função dos rumores por parte da prefeitura para erradicar esta atuação.

## O Contexto Dos Pixadores De BH

- 4 Em meados das décadas de 1930 e 1940, Belo Horizonte sofreu um acentuado crescimento populacional o que acarretou na ocupação de morros – característica da cidade, cercada pela Serra do Curral. Como resultado desta situação, os espaços segregados da cidade foram apropriados de maneira desordenada e uma situação considerada provisória acabou se tornando definitiva. A ilegalidade se inicia neste contexto, favorecida pela inércia do poder público, que não responde com a prestação dos serviços básicos como moradia, saneamento e abastecimento de água. Durante décadas, os moradores são vítimas de enchentes ou objetos de desapropriação cuja “[...] situação legal de posse e ordenação permanece indefinida” (BEATO, 2012, p.180). Esta condição de desigualdade é encontrada na literatura associada ao surgimento de grupos de jovens em conflito com a lei. A partir da década de 1990, verificamos um crescimento da criminalidade violenta, principalmente, nas vilas e favelas da região metropolitana (BEATO, 2012). Por outro lado, nos anos 90, os grupos de pixadores começaram a se constituir com a finalidade de *levantar a quebrada*<sup>6</sup>, segundo o relato dos jovens. Eles ressaltam que a pixação se constituiu com a finalidade de mostrar para a sociedade que determinada comunidade existe e faz parte da cidade. Atualmente, a metrópole abriga mais de dois milhões de moradores, observando, sobretudo, a desigualdade social na paisagem citadina.
- 5 Segundo o artigo 65 da Lei 9.605/98 – Lei dos Crimes Ambientais – a pixação é considerada como crime que estipula pena de detenção de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa, para quem pixar monumentos urbanos. Ao percorrer a cidade, percebe-se a quantidade de marcas elaboradas pelos jovens estampadas nos muros, através das *alcunhas*<sup>7</sup> que são reconhecidos por outros pixadores. Estes nomes são caracterizados por letras que possuem facilidade para estilizar. Sendo assim, o tema investigado propicia estabelecer uma conexão entre as formas como a juventude se apropria do espaço urbano através da *cultura de rua*. Pois, se considerarmos que a maioria dos pixadores representa a sua *quebrada* através do nome pixado e da sigla do grupo a qual pertencem, podemos debater a forma como estes jovens se apropriam do espaço público para se integrar na vida da cidade, uma vez que, são segregados fisicamente e socialmente pelo contexto urbano. De certo, ressaltamos as características de Belo Horizonte por considerar que a pixação é vista apenas nas grandes cidades e, inegavelmente, a lei estabelecida para impedir esta prática é, inclusive, objeto de deboche pelos pixadores em função da atuação dos policiais.

- 6 O primeiro ponto a ser discutido se remete à formação de grupos de jovens. Não se quer dizer que um conjunto de jovens que possuem um líder está, necessariamente, condicionado a cometer violência. De acordo com os relatos dos pixadores, a formação de uma *galera* se caracteriza por manter laços de amizade e por considerarem uma família. Além disso, a *galera* é uma forma estabelecida entre os jovens para constituírem identidades. Alba Zaluar (1999) distingue a formação de *galeras* e *ganges*, salientando que a *galera* se constitui pela raiva decorrente da privação da consciência de classe que instigaria a marginalidade difusa, a imprevisibilidade da ação e, portanto, a proximidade com as classes perigosas. Em contrapartida, ela ressalta o estudo das *ganges* realizado pela Escola de Chicago, principalmente, por Trasher (1963) destacando que as *ganges* dos Estados Unidos são caracterizadas pela defesa da honra familiar. Em meados dos anos 90, a paisagem da metrópole se constitui de maneira segregacionista e a atuação dos jovens se remete a uma extensão do narcisismo masculino. Cechetto (1999, p.148) expressa que a prática exige um porte físico privilegiado como “[...] poderosa marca de masculinidade relacionada a papéis de disposição, ‘sujeito-homem’, ‘raça’” [...]. É neste contexto que o *ethos da virilidade* está presente, pois a pixação fornece aos praticantes a “capacidade de firmar como ‘homem’, ‘força jovem”, ou mesmo da crença na sua invencibilidade diante da morte” (CECHETTO, 1999, p.149). A *galera* possui uma função fundamental para os pixadores fornecendo a proteção e o poder para os membros.
- 7 Nos Estados Unidos, o surgimento de *ganges* ligadas à criminalidade foi influenciado pela imigração nas áreas marcadas pela pobreza, “[...] onde os costumes e os valores tradicionais perderiam força ou deixariam de regular comportamentos, abrindo o caminho para a crise da moralidade, dos laços familiares e de vizinhança” (ZALUAR, 1999, p.177-178). Trasher (1963) destacava que estas áreas eram *cinturões de pobreza*, pois os jovens não poderiam se mobilizar. A primeira teoria que explica a inserção de jovens no comportamento criminoso possui origem nos fatores econômicos, ou seja, a privação de oportunidades, a desigualdade social e a marginalidade. Em 1960, Trasher retoma a Teoria da Frustração provocada pela falta de oportunidades impedindo que os indivíduos possam se ascender socialmente (MERTON, 1965). A segunda teoria expressa que os atos criminosos são uma contestação às normas impostas pela sociedade. Sendo assim, “[...] o baixo grau de integração moral é que produz o fenômeno do crime [...]” (BEATO, 2012, 144p). No entanto, a teoria da rotulação critica as anteriores e focaliza a atenção nas práticas governamentais, policiais, judiciais que classificam os jovens moradores de periferias como delinquentes. Conforme exposto por Zaluar:
- Por isso, ela é chamada teoria do rótulo, cuja vantagem principal é lembrar que as organizações juvenis não existem isoladas do resto da sociedade e proliferam ou decaem e desaparecem num contexto institucional que tece uma trama de interações simbólicas entre os jovens pertencentes a essas organizações e os representantes da ordem e da lei (ZALUAR, 1999, p.178).
- 8 De fato, o ato de pixar possui um contexto periférico<sup>8</sup>. No entanto, os *Pixadores de Elite* e jovens pertencentes a outros grupos possuem como principal objetivo a prática da pixação. A notoriedade, a competição e a rivalidade dos pixadores podem ser observadas nos muros. O *quebra-quebra*<sup>9</sup> é um exemplo dessa trama elaborada por eles. Quanto mais alto o pixador deixar a sua marca através da escalada em um prédio, mais reconhecimento ele terá<sup>10</sup>. Outro aspecto abordado por Pereira (2005) é a hiperterritorialização da cidade realizada pelos pixadores o que não coincide com a formação de *ganges* nos Estados Unidos, pois, além de defenderem a honra familiar

possuem um território altamente demarcado. O que caracteriza a pixação nos tempos atuais é a rede de relacionamentos tecidas pelos jovens e a apropriação do espaço urbano.

- 9 Ao invés da noção de delinquência, a característica que mais se destaca na formação destes grupos é a transgressão. Este conceito implica uma postura marginal que está presente no cotidiano e na vida desses pixadores (PEREIRA, 2005). Além disso, é importante destacar os estudos propostos por Becker (1928) na sociologia do desvio, permitindo perceber uma dimensão que vai além do ato praticado e considerado como crime. As pessoas que estão envolvidas nas ações coletivas definem as situações como certas ou erradas, ou seja, o que não deve ser feito. A sociedade cria medidas para impedir que se faça aquilo que foi definido como errado. Segundo o autor, “[...] de forma alguma essas atividades serão todas criminosas em qualquer sentido da palavra [...]” (BECKER, 1928, p.13). Ele designa as pessoas que não vivem de acordo com as regras estipuladas pela sociedade como um *outsider*.
- 10 De acordo com lei mencionada referente à pixação, pode-se afirmar que as regras são promulgadas na forma dessa convenção e, por isso, “[...] o poder da polícia e do Estado será usado para impô-las [...]” (BECKER, 1928, p.15). O desvio possui uma concepção estatística, ou seja, aquele que varia em relação à média. Tal exposição fortalece a *galera* dos pixadores considerados como um grupo homogêneo, pois cometem o mesmo ato. Neste sentido, “[...] o desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal [...]” (BECKER, 1928, p.22). A mídia e o Estado concebem os pixadores enquanto vândalos e criminosos. É esse o ponto que o artigo se propõe a discutir, pois os pixadores que moram na periferia possuem o direito de participar da cidade e, portanto, são considerados como uma camada que deve ser punida por não estar dentro das normas impostas pela sociedade. No entanto, a problemática se resume nessa dicotomia. Os jovens que possuem melhores condições econômicas estão livres das punições ditada pela lei. Então, torna-se comum escutar dos pixadores, moradores de aglomerados ou favelas, o abuso de poder cometido pelos policiais. Desde 2009, surgiu uma complexidade para tratar dos pixadores em Belo Horizonte. A atuação dos representantes do Estado permitiu condená-los pelo crime de formação de quadrilha, acentuando a pena que deve ser cumprida, muitas vezes, através de prisões o que não possui efeito para minimizar esta prática, pelo contrário, apenas fortalece os pixadores na medida em que saem às ruas *detonando* para afrontar cada vez mais a forma como o Estado lida com esta questão. Por outro lado, a polícia não tem interesse de levar os pixadores para a delegacia, pois não há prestígio algum neste meio para quem prende pixador. Os artefatos mais utilizados pela polícia são espancá-los e pixá-los com o próprio spray. Os relatos dos pixadores apontam que um amigo morreu por intoxicação causada pela tinta no corpo devida a este abuso de poder pelos policiais. Segundo Souza:

Pintar os pixadores com suas próprias tintas já virou a forma de sanção não oficial mais corriqueiramente empreendida na repressão contra a atividade. O escasso dinheiro nessa faixa etária torna os pichadores desinteressantes do ponto de vista da propina, restando aos abordantes ou entregá-los em delegacias (menores de idade na DPCA e maiores nas Delegacias Legais), o que não deve ser muito gratificante para um policial militar – ou seja, deslocar-se para um distrito policial acompanhando pixadores não deve render muito reconhecimento para os PM’s (SOUZA, 2007, p.43).

- 11 O estudo de Becker (1928) referente aos *outsiders* aponta que as regras são mais aplicadas àqueles jovens de bairros miseráveis. Os pertencentes à classe média têm menos

probabilidade de ser autuado e quando isso acontece é quase improvável que seja condenado e sentenciado. Até então, os dados da pesquisa fornecem a discórdia, principalmente, entre os pixadores e o Poder Público que não encontrou formas eficazes para minimizar a prática e responde com punições cada vez mais severas. Este contexto fortalece a identidade do grupo para acirrar essa disputa.

Membros de grupos desviantes organizados têm, claro, algo em comum: o desvio. Ele lhes dá um sentimento de destino comum, de estar no mesmo barco. A partir desse sentimento de destino comum, da necessidade de enfrentar os mesmos problemas, desenvolve-se uma cultura desviante: um conjunto de perspectiva e entendimentos sobre como se deve lidar com ele – e um conjunto de atividades rotineiras baseadas nessas perspectivas. O pertencimento a um grupo desse tipo solidifica a identidade desviante (BECKER, 1928, p.47-48).

- 12 O estudo sobre Winston Parva realizado por Elias (2000) indica que o grupo estabelecido atribui aos *outsiders* características ruins. Essa estigmatização possui um efeito catastrófico para os grupos de menor poder, pois pode paralisar a mobilização dos membros com a finalidade de alcançar outros objetivos. Elias (2000, p. 27) constata que os “[...] *outsiders* são vistos pelo grupo estabelecido como indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros [...]”. Essa retaliação reduz a capacidade que eles possuem de competir pela busca do poder, colocando-os sujeitos a boatos depreciativos e até mesmo equivocados retratado nos tempos atuais pela mídia e pela autoridade do Estado para tratar este fenômeno na cidade. A regulação que os estabelecidos propõem permite a construção de um sentimento de maior valor humano em relação aos considerados desviantes pela sociedade (ELIAS, 2000). Um membro dos *Pixadores de Elite* ressalta:

[...] Por exemplo, a pixação, no caso, é escrita, tô falando da escrita. Ela é uma arte porquê? Porque você pode criar a sua marca, você vai fazer ela, eu vou fazer, mas eu nunca vou conseguir fazer igual a você, nunca, só você vai fazer do seu jeito, eu posso fazer parecido, igual, idêntico nunca, não vai ter jeito, então é muito pessoal. Mesma coisa um quadro branco por exemplo, Renoir, você pegar e tentar reproduzir, você vai fazer parecido, igual, só o original, só que o pintor fez. Então, isso já é o primeiro ponto, que acho que é a característica pessoal. E eu acho que a outra coisa que caracteriza é a maneira como você vai intervir naquele espaço que está desocupado, que está sem vida, que tá sem cor, sem nada, sem expressão, um espaço que não te diz nada. Então você passa ali hoje e você vê aquele espaço branco, vazio, oco, aquela coisa inerte, sem, enfim, sem sentido, a partir do momento que você intervém naquele espaço com uma escrita, com a sua escrita, que no caso que é a sua marca pessoal, então ele já não é mais um espaço vazio, você está passando e ele já passou a ter um significado pra você, pra outras pessoas que passarem e olharem também, um significado negativo ou positivo, tanto faz, não interessa, mas ele morto, inerte, insignificante assim, ele não está mais, ele já foi ocupado de alguma forma, então eu acho que uma das intenções da pixação é essa. Tem outro detalhe também que é, isso aí também caracteriza muito a pixação que é a auto-promoção. Isso aí o sujeito que segue, vai pichar, que não tem interesse nenhum em se auto-divulgar, em se auto-promover é mentira, bobagem [...].

- 13 A definição de arte concebida pelos pixadores pode ser entendida como uma estetização da violência (SOUZA, 2012). Na pixação, constata-se a transgressão e a atitude de pixar como subversiva. Os muros da cidade não pertencem ao pixador e este não possui autorização para marcar. O encontro entre os pixadores e seus pares, os pixadores e a sociedade ou os pixadores e o Estado deve possibilitar a problematização desta prática. Os atos são proibidos e neste sentido a questão não é banalizar a atuação, mas perceber em qual contexto se dá com a finalidade de compreender a pixação na vida destes jovens e no dia a dia da cidade. Souza (2012, p.273) observa em suas investigações que a competição

travada entre os pixadores, a sociedade e o Estado é um “[...] redirecionamento da violência física para a competição pela fama [...]”, “[...] emergindo a perspectiva de estetização (ou sublimação) da violência [...]”. Este conceito expressa que os jovens não necessitam das práticas competitivas urbanas como, por exemplo, as torcidas organizadas e os grupos rivais de bailes funk. A competição corporal é deixada de lado e sublimada através da quantidade de rabiscos espalhados e a dificuldade dos alvos que atingem. Sendo assim, a possibilidade de se considerar a pixação como arte é um paradigma, uma vez que as assinaturas elaboradas pelos pixadores através das latas de spray, rolos, extensores e borrifadores são ininteligíveis para aqueles que não pertencem ao meio. Um dos pixadores expressa: “[...] rivalidade, tipo assim, é... você começar a marcar, um monte, pixar um monte de lugar né? Porque onde que você passa, a pixação está na cara, você vai lá e marca perto da dele, ou vai marcando um monte, essa é a rivalidade que hoje em dia tem entre os pichadores [...]”.

- 14 Na observação de campo, o grupo expressa que a arte possui como função gerar polêmica, divergir do que é considerado convencional. Destaca que o muro das áreas consideradas nobres na metrópole, não atraem os pixadores, uma vez que, os donos da propriedade podem apagar o pixo realizado. Considera que a função do pixo é ficar o mais tempo possível na cidade. A outra característica importante neste meio é a denominação que eles fazem em relação aos pixos que possuem letras feias, ou seja, que não são estilizadas. O *caça muro* ou *mobral* é depreciado pelos pixadores e, por isso, eles devem treinar as letras antes de marcar a cidade. Nos encontros estabelecidos com os membros do grupo investigado, a ética é unânime em relação aos locais que devem pixar, principalmente, órgãos da prefeitura como postos de saúde e outras instituições, pois acham que o poder público deve se preocupar com o que acontece dentro da instituição e não com o que está ao lado de fora. Há um consenso em conceber a pixação como arte e destacam que sendo arte não é possível acabar, pois arte não tem fim. Um dos integrantes ressalta:

[...] Enquanto tiver tinta, enquanto tiver espaço branco, alguém vai tá ocupando aquele espaço e não vai conseguir acabar com isso, talvez ele vá tirar de circulação, um ou outro, ali, por um determinado período, mas quando o sujeito sair, ele vai conseguir, porque isso tá na alma. É uma arte, então o sujeito carrega aquilo com ele.[...].

- 15 Pereira (2012) questiona se os pixadores são artistas ou arteiros e fundamenta que estes dois conceitos estão intrincados entre si. Arteiros no sentido de que eles aprontam traquinagens, mas destaca que estas travessuras ou transgressões concebem um sentido artístico. Além do mais, o autor destaca que “[...] muitos deles afirmam que não têm o que fazer a noite e apontam o ficar em casa como sinônimo de tédio. A pixação surge, então, como uma opção de ocupar o tempo, de se divertir e sair da monotonia [...]” (PEREIRA, 2005, p.35-36). Sendo assim, os pixadores almejam o *ibope* para serem reconhecidos por outros pixadores. Nas observações de campo realizadas nas redes sociais, os jovens procuram aparecer na mídia, divulgar suas marcas através das fotos, o perfil é estilizado com o nome pixado para alcançar a notoriedade entre os grupos e eles se (re)conhecem e tecem novos laços. Um membro da PE relata:

[...] você mora aqui no centro e conhece uma pessoa que mora em Ibirité. Você marca um *rolé* com ele: vamo dá um jeito de fazer uma *detona*, é essa parceria que forma os pixadores né, tipo assim, nunca que as pessoas sai com a mesma pessoa, tipo assim é, ela vai procurando outras pessoas, outro incentivo, tipo assim, pessoas mais audaciosa pra pichar né? [...].

- 16 Sendo assim, os próprios membros da PE competem entre si e com outros pixadores com a finalidade de se tornarem cada vez mais conhecidos pelo nicho, procurando lugares de difíceis acessos, maior visibilidade e que proporcionam um risco para alcançarem cada vez mais a fama almejada. Por outro lado, a competição não exclui a solidariedade, pois eles circulam pela cidade, na maioria das vezes, com outros pixadores pertencentes a grupos diferentes, disposto a se ajudarem para alcançar o objetivo almejado.

## Memórias Dos Pixadores De Elite

- 17 Em Belo Horizonte, os pixadores iniciam a sua carreira, principalmente, nas escolas públicas. Segundo o relato dos jovens, eles admiravam as escritas nos muros e elaboravam letras nas páginas finais dos cadernos, estilizando a sua *alcunha*. Geralmente, as marcas e os desenhos realizados nas folhas advêm da falta de interesse na matéria ensinada nas salas de aula. Sugere-se, mais do que se afirma, que neste momento seria possível estender a observação quanto à estetização da violência (SOUZA, 2012), pois, não se rebelando diretamente quanto à aula desinteressante, passa o aluno a criar subterfúgios à sua insatisfação, escrevendo letras e criando desenhos no instrumento que deveria servir como suporte ao conteúdo oficial transmitido pelo ensino formal: o caderno.
- 18 No início da adolescência, eles possuem um contato com outros pixadores, sejam através de amigos ou parentes que podem incentivá-los na prática. Também, passam a formar grupos que possuem afinidade dentro da escola e no local de moradia para sair durante a noite e marcar algumas *prezas*<sup>11</sup>. Nesta fase, os adolescentes não possuem tanta liberdade para circular na cidade e representam a sua *alcunha* na *quebrada*, principalmente nas ruas onde há a circulação de ônibus para se tornarem reconhecidos por outros jovens da região em que habitam. Com o passar do tempo, eles vão assumindo uma posição de destaque no grupo formado e, começam a frequentar outros *points* de pixadores localizados pela cidade. Alguns abandonam a prática na adolescência quando completam dezoito anos em função da maioridade penal e outros por se tornarem pais. No entanto, aqueles que escolhem construir uma carreira dentro da pixação, passam a participar de *galeras* com integrantes de diversas regiões da cidade.
- 19 De acordo com o relato do primeiro Presidente da PE, INXS, ele possuía uma conexão com os pixadores do Rio de Janeiro. Nesta cidade, havia os *Pixadores de Elite* e devido a sua articulação com estes jovens optaram por fundar o grupo em Belo Horizonte. Os dados apontam que a estrutura da *galera* denominada *Pixadores de Elite* se igualava com a estrutura do BOPE – Batalhão de Operações Policiais Especiais - fundado em 1978. O BOPE é composto por policiais renomados e capacitados para enfrentar a guerra urbana. A formação da *Tropa de Elite* influenciou a escolha do nome e da estrutura dos *Pixadores de Elite*.
- 20 Em 1992, a *galera* formada pelos dez jovens que mais se destacavam no cenário da pixação passou a ser almejada pelos demais pixadores travando uma disputa entre aqueles que possuíam o maior número de marcas pela cidade, pixos realizados nos locais arriscados, patrimônios públicos, estádios de futebol, igrejas e até cemitérios. As matérias de jornais que rendiam *ibope* faziam com que os jovens ascendessem ou descendessem na escala da posição do grupo. Como os integrantes foram influenciados pelo Rio de Janeiro, o estilo de letra que predominava era a *carioca* caracterizada por traços curvilíneos e rápidos. Além do nome pixado, o jovem deveria marcar a sigla do grupo da *quebrada*<sup>12</sup> do qual

pertenciam e as letras PE para mostrarem que eram os melhores. De acordo com as informações, os relatos coincidem que a maioria deles possuía como principal objetivo se inserir na PE: “[...] e eu ficava falando: um dia eu vou ser PE, um dia eu vou ser PE [...]”.

- 21 Os pixadores dos anos 90 relembram que a liderança desta época se tornou um ícone pelo exemplo de coragem. Em 1994, o grupo já havia dominado a cidade travando uma rivalidade entre os pixadores, a sociedade e o Estado. Para o fortalecimento da *galera*, eles se reuniam na Praça da Estação, Central Shopping e Shopping Cidade localizados no centro de BH para discutir a expulsão de membros que não representavam o grupo, a posição dos integrantes e a inserção de outros jovens. Os nomes mais comuns que se destacam no cenário da pixação dos anos 90 foram influenciados pelas bandas de Rock como: INXS e SHAMA. Outros jovens que possuíam destaque pelo reconhecimento da mídia foi o PACO que apareceu por duas vezes no Fantástico e na retrospectiva do MGTV da Rede Globo, devido a sua pixação no Hospital Santa Casa, no túmulo do Padre Eustáquio, do ex-governador Olegário Maciel e a capela do Cemitério do Bonfim; SKILO por pixar duas vezes o Relógio da Prefeitura de Belo Horizonte; COBRA por escrever frases em Igrejas restauradas desafiando o governador do Estado na época com os seguintes dizeres: “*Eduardo Azeredo. Não nos leve a mal, mas pichar não é nada num país onde matar e roubar não é crime*”; AIR e GG pelas reportagens concedidas aos jornais dizendo que os pixadores não deveriam pixar estes locais como um artefato para manter o grupo coeso sem a possível retaliação feita pelos órgãos governamentais.
- 22 Como os pixadores mais famosos integravam à PE, o principal objetivo dos jovens era se inserir neste grupo. Uma vez dentro da *galera*, eles almejavam subir na escala de numeração para chegar até a presidência. Em 1994, INXS – a primeira liderança – abandona o grupo devido a uma pixação na Igreja de Santa Luzia – Região Metropolitana de Belo Horizonte – com uma dedicatória para ele. Como havia o seu nome estampado na parede, os policiais fecharam o cerco e, após a sua prisão, ele decide abandonar o grupo e repassar a presidência ao COBRA que possuía condições para comandar a *galera*. O empoderamento do grupo implicou no fracasso da própria liderança. Mas, a inquietude da sociedade com esta prática não conseguiu desmembrar a PE e a segunda liderança se mostrou ainda mais forte e capaz de lidar com as artimanhas dos órgãos governamentais. Os jornais nos anos 90 demonstram iniciativas de exterminar esta prática na cidade. E desde então os pixadores relatam que qualquer tentativa do governo de enfraquecer a atuação é cada vez mais vista como uma maneira de se arriscarem e de possuírem fama.
- 23 De acordo com o relato dos membros da PE, COBRA configurou o grupo de maneira distinta, passando a contemplar 15 (quinze) membros em função da quantidade de pixadores renomados na cidade. O “01”, além de representar a sua marca, determinava os locais que os membros deveriam alcançar e cobrava uma atitude dos jovens para marcar lugares em que se arriscavam. Também, foi eleito o novo vice-presidente – GG. Para *ganhar a cidade*<sup>13</sup>, eles andavam a pé e de ônibus, e algumas vezes, por falta de condições financeiras para se locomoverem na metrópole *surfavam*<sup>14</sup> ou *pegavam carona*<sup>15</sup> nos coletivos. O pouco recurso também fomentava a prática de alguns furtos, como tintas de spray em depósitos de construção e até mesmo garrafas de whisky para vender em bares e adquirir a tinta.
- 24 Nos finais de semana, as boates Trash, Space e Arena concentrava um número expressivo de jovens tocando músicas do estilo *Flash House* – um nome apropriado pela juventude brasileira em uma época que a *dance music* se destacou pela presença de *DJ's* – e os mais bem vistos entre os pixadores, além de frequentar estes locais, deveriam ter habilidade

para encenar uma coreografia, denominada por eles de *passinhos*. Os jovens com mais fama sabiam lidar com esses modos expressivos da época. Em pesquisa de campo, acessamos a coleção de jornais, revistas e reportagens como fonte de memória preservada pelos *antigos pixadores*. Nestes materiais, encontramos, predominantemente, pixações utilizadas apenas com latas de spray e representada através do estilo carioca, ou seja, letras arredondadas, juntas e escritas sem tirar o spray do muro. Raramente, o estilo brasileiro – uma letra indecifrável, inscrita uma dentro da outra – era utilizado pelos pixadores como forma de continuar representando na cidade após serem reconhecidos por policiais.

- 25 Na capital mineira, pertencer à PE era sinônimo de prestígio e reconhecimento social. Para ser respeitado, o líder tinha mais duas pessoas em quem confiava para escoltá-lo, chamados “02” (vice-presidente) e “03”. Além disso, cada integrante possuía uma carteirinha de filiação à *galera* e com a sua numeração na posição da escala dos pixadores. Também, o grupo adotou como *mascote* o *Tazmania*, símbolo de um desenho animado americano dos anos 90. Na verdade, não há qualquer menção significativa para a escolha do símbolo. O relato se resume apenas à popularidade do desenho animado.
- 26 Ao investigar a história da PE na década de 90, percebemos como a pixação está enraizada na memória destas pessoas. As entrevistas, os encontros e os passeios pela cidade foram importantes para observar a mudança da arquitetura da metrópole dos anos 90 para 2000<sup>16</sup> e, principalmente, a forma como eles pixavam e possuíam fama. Os *pixadores inativos*<sup>17</sup> passaram a se encontrar para lembrar as estórias de suas vidas com a finalidade de fornecer o maior número de dados para a pesquisa. Em todo momento, eles se mostravam dispostos a falar sobre o passado, apesar do sigilo solicitado para não divulgarem o nome, pois estas atuações, muitas vezes, não são conhecidas pelos filhos e esposas. A maioria dos entrevistados dos anos 90 abandonou esta prática e, atualmente trabalham em profissões que se relacionam à marca, como Marketing, Designer Gráfico e Grafiteiros. Segundo o relato, alguns pixadores famosos se envolveram com a criminalidade violenta, mas, ressaltam que a pixação não possui relação com outros crimes. Eles destacam que esta atuação era um estilo de vida e que propiciou novos caminhos para construírem uma estória diferente do contexto vivenciado. Nos encontros com os antigos pixadores, percebemos o quanto a memória da pixação está presente nas lembranças e no corpo. Eles carregam consigo as marcas de uma época através das tatuagens de latas de spray, o mascote *Tazmania* e as assinaturas da Carteira de Identidade semelhantes às assinaturas dos muros. Apesar de não relatarem essa época para as pessoas íntimas, reviver a memória representou voltar ao passado e reencontrar as pessoas que faziam parte dos laços de amizade e que haviam se distanciado com o tempo. De acordo com o relato de um antigo pixador:
- [...] Quanto mais ele divulgar a marca dele, mais comentado ele vai ser, naturalmente, mais respeitado, mais falado ou não. Eu acho que a pixação não envolve muito com a criminalidade. Então, o sujeito que picha muito, não necessariamente ele é um fortão, ele anda armado, ele seja um elemento perigoso, são raros os casos. Geralmente quando o cara é pixador, ele é pixador, ele não é de briga, ele não é de confusão, desde que também, um pixador, pra ele arrumar confusão, se alguém fizer em cima, ou riscar, ou o que a gente chama de atropelar, aí sim, pode gerar alguma confusão [...].
- 27 Pela constituição de uma família e a entrada na fase adulta, COBRA deixa a presidência, em 1999, e decide não repassar o comando a outro pixador.

## Pixadores De Elite: Anos 2004

- 28 Durante a pesquisa de campo, observamos que alguns *pixadores das antigas*, muitas vezes, se encontram numa posição de abandono e retomada da prática, principalmente, pelo lema instaurado pelo INXS, fundador do grupo: *Uma vez PE, sempre PE*. Assim, um pixador ressalta que “[...] eu na verdade não tenho número exato assim, igual eu tô falando, eu já alcancei um status, digamos assim, que eu sempre vou ser PE, hoje em dia tem quinze outros ali, mas eu sou PE do mesmo jeito e sempre vou ser [...]”. Este relato nos remete à Sennett (1999), pois ele aponta que a contemporaneidade acarreta ao indivíduo uma experiência com a deriva do tempo e de lugares. Isso demonstra a incerteza nos dias atuais, intrínseca no cotidiano dos jovens.
- 29 Após cinco anos sem a formalização dos *Pixadores de Elite*, o vice-presidente escolhido por COBRA nos anos 90, passa a ocupar a Presidência retomando uma nova configuração do grupo com algumas dificuldades. Pela consolidação de outras *galeras* em Belo Horizonte, muitos pixadores já não percebiam a inserção na PE como uma estratégia de *ibope* e fama. Diante deste contexto, GG teve problemas para agregar um número de pixadores com a finalidade de divulgar a PE na metrópole. Muitos convites foram realizados sem o sucesso de novos adeptos reconhecidos no meio. Esta situação provocou uma configuração diferenciada do grupo em relação aos anos 90. Convidar quinze pixadores que possuíam uma notoriedade no espaço urbano foi difícil e, portanto, o grupo passa a se organizar sob um novo aspecto.
- 30 Atualmente, a PE possui novas táticas para ser reconhecida no contexto atual. Os antigos pixadores<sup>18</sup> passaram a incorporar um segmento denominado *velha guarda*, em que eles fazem parte da estória da pixação em Belo Horizonte e não precisam representar a marca com assiduidade, pois já são consagrados. Eles passaram a juventude *detonando* os muros da cidade e, agora, atingiram uma posição favorável. Por mais que ainda participam de *rolés*, a escolha por não pixar em algumas madrugadas é livre. *Velha guarda* foi uma forma de retomar os antigos pixadores a fazerem parte do circuito da pixação, mesmo que não sejam mais jovens e não tenham tanta destreza que a prática impõe. Neste sentido, eles não possuem numeração na escala proposta pela primeira formação. Para a *nova guarda*<sup>19</sup> de pixadores pertencentes ao grupo o contexto se modifica, pois necessitam ganhar um reconhecimento para estabilizar a sua inserção neste meio. No entanto, precisam marcar o maior número de pixo na cidade e colocar ao lado a sigla PE como sinônimo de fidelidade ao grupo em que foi convidado a participar. Também, percebemos a presença de grafiteiros e pixadoras na *galera*.
- 31 O Presidente constituiu um conselho com integrantes antigos da PE em que são consultados com a finalidade de saber se novos membros devem ou não fazer parte da família. Os integrantes pertencentes a esta comissão são diferenciados em relação à *velha guarda*. Esta nova liderança é caracterizada como a estória real do pixo em BH, respeitado e com fama entre os mais jovens. A *velha guarda* possui uma abertura maior com ele podendo discordar sem maiores problemas das suas opiniões. Essa é a flexibilização apontada por Sennett (1999) nos tempos atuais. No entanto, ele possui como principal função articular festas, encontros e divulgar o pixo nas redes sociais.
- 32 Contextualizando o pixo nos anos 2000, a juventude passa a ser influenciada pelo movimento Hip Hop, uma cultura artística que engloba quatro elementos: o Rap, o DJ, o Break e o Grafite<sup>20</sup> que são vivenciados também em ambientes exteriores ao grupo de

pixadores, desde eventos culturais destinados a públicos de diversos estratos sociais, até à incorporação em programas estatais de combate à violência ou educação para jovens moradores de periferias. Nesta nova década, muitas mudanças foram observadas na maneira como os pixadores atuam na cidade. A locomoção pela cidade se tornou mais fácil através da aquisição de motos e carros por alguns pixadores. O número de *prezas* se multiplicou pela facilidade de transitar pelo espaço urbano e o acesso a veículos automotores possibilitou a utilização de outros instrumentos como rolo, borrifador, extensor e até mesmo escadas com a finalidade de escalar monumentos. Atualmente, além do estilo carioca marcado no muro, os jovens incorporaram o estilo paulista e abandonaram a brasiliense. As letras paulistas - caracterizadas por uma maior visibilidade na paisagem urbana - são grandes e separadas. Segundo o relato:

[...] Outra coisa que tem facilitado muito hoje em dia, a vida do pichador, é carro, moto. A maioria, hoje, o sujeito faz dezoito anos e compra uma moto, um carro, a prestação, enfim, o pai dá, de qualquer forma o cara adquirir um veículo e o sujeito sai de moto, de carro. Uns param o carro, desce, e faz, os outros vão. Param o carro numa rua um pouco mais afastada e desce, vai lá e faz e tal. De qualquer forma, se torna mais fácil a locomoção, então obviamente [...].

33 Outro de um integrante dos Pixadores de Elite:

[...] É, por que uma lata de spray é doze, treze, quinze reais, não é barato. Então por exemplo, hoje em dia parou muito isso. Mas antigamente o sujeito roubava depósito de material de construção, e era aos montes pra poder roubar o spray, então assim, isso hoje em dia mudou, o preço do spray é muito alto então não dá pra todo mundo ficar, ficar comprando assim a revelia e tal. Então uma das alternativas que o pessoal buscou foi esse borrifador. Você pode colocar água, com xadrez. Uma bisnaguinha de xadrez custa dois reais [...].

34 Como os jovens possuem outras formas de identidade, eles circulam por diversos eventos realizados na cidade. Atualmente, eles se reúnem no Duelo de MC's, encontros de skatistas, festas e na sede da PE<sup>21</sup>. As vestimentas se adequam ao movimento Hip Hop com camisetas, calças largas e bonés com marcas elaboradas pelos próprios pixadores. Hoje em dia, encontram-se lojas que vendem os produtos comercializados pelos pixadores que também fazem exposições de quadros com letras de *grapixo*<sup>22</sup> e *bomb*<sup>23</sup>. Estes locais promovem festas de lançamento de DVD's, sorteios e articulam a vinda de jovens de outras regiões do país para divulgar a *cultura de rua*.

35 Outro aspecto importante de ressaltar é a dimensão notória que a pixação tem obtido no cenário brasileiro. O atual Presidente da PE passou a contemplar a *família* denominada *Círculo Forte*, resultado da união de duas grifes em São Paulo: *Os+Fortes* e *Círculo Vicioso*. O *Círculo Forte* foi fundado em 1999 e, atualmente, possui representantes em Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador, Campina Grande, Vitória e Berlin. Com a facilidade de transitar pelo território brasileiro e a proximidade com os pixadores de outras regiões pelas redes sociais, o "01" passou a integrar essa família e representa na pixação, além da sigla PE, o símbolo *Círculo Forte*.

## Relação Entre Espaço Público E Privado

36 O tema de pesquisa abordando a atuação dos *Pixadores de Elite*, entre os anos de 1992 à 2013, nos remetem a problematizar a relação entre o espaço público e privado e, em seguida, verificar a apropriação do espaço urbano realizada pelos pixadores. Em *O Declínio do Homem Público*, Sennett (1999) discorre sobre as concepções intimistas contemporâneas

e argumenta acerca do conflito entre a vida pública e privada. Com o surgimento do capitalismo, este autor aponta para a morte do espaço público, ou seja, o esvazio da vida pública na medida em que a cultura do narcisismo avança para a cultura social através da constituição do secularismo, urbanismo e capitalismo. O indivíduo se encolhendo para a vida privada consolidou duas formas de identidades: o confinamento no domínio privado ou a personalização do domínio público, principalmente, na política. Segundo Botton:

Isso foi desenvolvendo uma ‘cultura do espetáculo’, o homem público agora tinha de ser um excelente orador, mas antes de tudo, uma visual personalidade, um virtuoso ator, portador da essência do espetáculo. Frente a tal espetáculo, cabia ao cidadão – comparado ao espectador – observar o político silenciosamente, como se ele possuísse uma aura mística que o tornasse superior ao restante das pessoas (BOTTON, 2010, p.627-628).

- 37 A década intimista resultou no crescimento de uma cultura narcísica e no surgimento de *comunidades destrutivas* em que os indivíduos se enclausuravam em círculos sociais fechados devido ao receio de construir relações sociais, promovendo grupos de identidade e enfraquecendo a possibilidade de refletir sobre uma comunidade política mais ampla. Para Sennett (1999, p.319-320), “[...] o campo da política passa a ser abandonado graças à crença na personalidade enquanto signo de credibilidade incontestável, a personalidade em público [...] levada às últimas consequências, destruíu o poder público [...]”. O retraimento do indivíduo para a vida privada impede que os homens vivenciem o sentido da cidade como “local de encontro com os estranhos” (BOTTON, 2010, p. 629). Nesse sentido, quanto maior a intimidade, menor a sociabilidade. E parece que os pixadores fazem questão de quebrar este paradigma se apropriando do espaço público como privado. Se, a sociedade, de forma geral, possui uma concepção intimista, eles apropriam do espaço público como uma forma de existência. De acordo com o relato de um pixador membro da PE: “[...] pixam onde tiver branco ali, inclusive a gente, hoje em dia, a gente tem vivido esse problema que é escassez de espaço, tem tanto pixo na cidade. Tá difícil, você sai pra pichar hoje e é difícil pra você conseguir um espaço [...].”
- 38 Assim, como bem aponta Franco (2009, p.17) que “São Paulo não é estática”, a cidade de Belo Horizonte se movimenta a cada dia. O contexto segregacionista faz com que os jovens sejam projetados no espaço público com a finalidade de circular pela cidade. Outro aspecto que o autor aponta é o ato de pixar como transgressivo permitindo a disseminação da prática e a radicalidade dos pixadores para suas atuações (FRANCO, 2009). De acordo com o relato:
- [...] Ah, se amanhã for legalizado a pixação, você vai poder pixar todo lugar. Acho que muita gente vai parar, não vai ter muita graça, aí, mesmo assim, ainda assim, vão querer pixar onde não pode. Por que é aí que eu acho que tá o “X” da questão. O proibido é ser gostoso, ser um atrativo a mais. Se fosse legal todo mundo faria. Então ia acabar sendo uma coisa muito popular, muito comum. O comum não é interessante, né? O interessante é o que diverge, é o que, é o controverso, o polêmico que eu acho que é a função da arte também [...].
- 39 A discussão acerca da apropriação do espaço urbano é discutida por Franco (2009), em *Iconografias da Metrópole: grafiteiros e pixadores representando o contemporâneo*, destacando que as grandes cidades se caracterizam pelo anonimato do sujeito, principalmente, no que tange as mazelas do espaço público, ou seja, crianças de rua, mendigos que se tornam invisíveis diante da sociedade e do estado. Mas, para os pixadores que vivenciam o cotidiano da rua, os nomes estampados nos muros, muitas vezes, com uma frase e a sigla da *quebrada* demonstra um protesto diante da cidade para se tornarem vistos. De acordo com esta problemática, lançamos questões a serem debatidas em relação à forma como a

cidade de Belo Horizonte está coibindo a atuação dos jovens com punições através de leis severas no que diz respeito à formação de quadrilhas e a higienização do espaço público com a finalidade de combater uma prática imposta pela forma como a juventude se apresenta nos tempos atuais.

## Considerações Finais

- 40 A criminalização dos pixadores em Belo Horizonte segue como no passado, em que as pixações começaram a serem vistas na Capital. Restringir o estudo ao estabelecimento de causa e efeito de um ato criminal deixaria de desvendar os fluxos entre a ação dos pixadores e o formato, em constante movimento, dos respectivos coletivos de pixadores, na utilização do espaço público para a realização da pixação e na construção do discurso por eles, de forma a legitimar seus atos. Outra abordagem reducionista seria tomar a pixação apenas como expressão de marginalizados sociais. É de se notar que o “fazer pixação” também é incorporado como capital cultural de agentes, que tende, na Capital mineira – correspondendo a outras cidades do país – a dialogar com outras expressões culturais como o movimento Hip Hop através do Rap, DJ, Break e Grafite. Estas últimas têm, ao contrário da pixação, estabelecido sua legitimidade nas camadas sociais, encontrando o acolhimento até mesmo em programas estatais de Segurança Pública ou de Educação, para prevenção da criminalidade que investem no reforço e enaltecimento de identidade de “culturas periféricas”, inclusive.
- 41 A marginalização, inerente às pixações, fica minorada nas expressões adjacentes a ela, ao que parece. As pixações, entretanto, continuam marginalizadas, foram, desde a origem, criminalizadas. Mas, ao que indica, reforça o sentimento de legitimidade da expressão entre os pixadores, uma vez que a transgressão seria um fundamento do próprio ato de pixar.

---

## BIBLIOGRAFIA

- BEATO, Cláudio. *Determinantes da criminalidade em comunidades urbanas*. In: Crime e cidades. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 144 – 192.
- BECKER, Howard Saul. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Trad. Maria Luiza X. de Borges; revisão técnica Karina Kuschnir. - 1ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BOTTON, Fernando Bagiotto. *Richard Sennett*. Antíteses, vol. 3, n. 5, jan.-jun. de 2010, pp. 623-633.
- CARDOSO, Fernando Henrique. **Lei nº 9605/98**. Brasília: 1998. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9605.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9605.htm). Acessado em: 24 de abril de 2013.
- CECHETTO, F. *Galerias funk cariocas: os bailes e a constituição do ethos guerreiro*. In: ZALUAR, A. & ALVITO, M. (org.). Um século de favela. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999. pp. 145 - 165.
- ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os Outsiders*. 1ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mélio Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- FRANCO, Sérgio Miguel. *Iconografias da Metrópole: grafiteiros e pixadores representando o contemporâneo*. Dissertação de Mestrado. FAUUSP, São Paulo/SP, 2009.
- MERTON, Robert K. *Estrutura social e anomia*. In: *Sociologia: teoria e estrutura*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. *De rolê pela cidade*. Dissertação de Mestrado. PPGAS/FFLCH/USP, São Paulo/SP, 2005.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. *Quem não é visto, não é lembrado: sociabilidade, escrita, visibilidade e memória em São Paulo da pixação*. *Cadernos de Arte e Antropologia*. Vol. 1, Nº 2 (2012). Universidade Federal de São Paulo.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. *As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo*. *Lua nova*, São Paulo, 79: 143-162, 2010.
- SENNETT, Richard. *Deriva*. In: *A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999. 204p.
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Tradução Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SOUZA, David da Costa Aguiar de. *Desvio e estetização da violência: Uma abordagem sócio-antropológica acerca da atividade dos pichadores dos muros no Rio de Janeiro*. *DILEMAS: Revista de Estudo de Conflito e Controle Social* – Vol 5 – nº2 – ABR/MAI/JUN 2012 – pp. 267-294.
- Souza, David da Costa Aguiar de. *Pichação carioca: etnografia e uma proposta de entendimento*. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- THRASHER, Frederic M. *The Gang: A Study of 1.313 Gangs in Chicago*. Chicago: The University of Chicago Press, 1963.
- ZALUAR, A. *Gangues, Galeras e Quadrilhas: globalização, juventude e violência*, in VIANNA, Hermano (org.), *Galeras Cariocas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

## NOTAS

1. Segundo Pereira (2005, p. 9), “[...] a pixação com x, expressaria o modo com que se apropriam da cidade, que não teria relação com os significados apontados pelo dicionário *Aurélio* para o verbo pichar [...]”.
2. Nome pixado.
3. Durante três anos, trabalhei como Técnica Social das Medidas Socioeducativas atendendo adolescentes encaminhados pelo Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente Autor de Ato Infracional (CIA/BH).
4. De acordo com Pereira (2005, p.68), o *point* é o local “[...] onde eles estabelecem laços de sociabilidade e demonstram seu conhecimento específico sobre a pixação, compartilhando-o com outros colegas [...]”.
5. *Ibope* é a forma de obter reconhecimento e prestígio entre os pixadores.
6. Segundo Pereira (2005, p. 56), “[...] o termo *quebrada* é utilizado para se referir ao bairro onde mora”.

7. Segundo o Dicionário Aurélio (1980, p.78), *alcunha* significa um “apelido, em geral depreciativo, que se põe a alguém, e pelo qual fica sendo conhecido, tirado de alguma particularidade física ou moral”. No contexto da pixação, a *alcunha* é o nome que o pixador é reconhecido.
  8. Por mais que encontramos pixadores de classe média e alta, o contexto periférico abordado aqui diz respeito à procedência no sentido de que os jovens devem representar uma *quebrada*, ou seja, o local de moradia.
  9. *Quebra-quebra* é uma expressão utilizada pelos pixadores demonstrada nos edifícios de Belo Horizonte através da capacidade que cada um tem para escalar o prédio e deixar sua marca. Quanto mais alto, maior reconhecimento. Sendo assim, os jovens disputam entre si o lugar mais alto, uma rivalidade sem luta física.
  10. Um dos pesquisadores relata que um pixador marcou no último andar do edifício o sua *alcunha* e ao lado escreveu “acima de mim só Deus”. Mas, logo acima do último andar havia uma caixa d’água, local onde um outro pixador disse: “então, sou seu Deus”.
  11. Nome pixado.
  12. Os pixadores relatam que se não houvesse a pixação, a sociedade não poderia saber que alguns lugares de Belo Horizonte existem. Isto pode ser verificado através de alguns nomes dos grupos que fazem menção às quebradas que pertencem: Demônios Pixadores do Cachoeirinha, Demônios Sanguinários do Jaraguá, Demônios do São Tomáz, Galera Frigo Diniz, Galera Vândalos do Amazonas, Malucos da Floresta, Pixadores Surfistas do Amazonas e Pindorama Vida Loka.
  13. *Ganhar a cidade* é uma expressão utilizada para dizer que os muros pertenciam a um determinado grupo.
  14. *Surfar* significa subir em cima do veículo e ficar em pé se equilibrando.
  15. *Pegar carona* é um termo utilizado para não pagar a passagem do ônibus.
  16. Os pontos da cidade mais visados pelos pixadores eram a Praça da Estação, Praça Raul Soares, a administração do Estado ao redor da Praça da Liberdade e o Obelisco da Praça 7. Atualmente, as praças foram revitalizadas, construiu a cidade administrativa e o Obelisco da Praça 7 é monitorado pelo Olho Vivo – câmeras.
  17. *Pixador inativo* é aquele que não atua, mas sabe ler os muros.
  18. Pixadores dos anos 90.
  19. Jovens pixadores que surgiram nos anos 2000.
  20. De acordo com o relato dos jovens, nos anos 90 o estilo de música predominante era o *Flash House*. Mas, já existia o Rap na periferia da cidade.
  21. A sede da PE é localizada próximo à uma avenida de grande circulação – local de fácil acesso para os pixadores – e, funciona em um posto de gasolina.
  22. *Grapixo* é uma mistura de grafite com pixo com efeitos de sombra sobre sombra.
  23. *Bomb* são algumas pinturas complexas realizadas de maneira rápida. A palavra é derivada do Grafite.
- 

## RESUMOS

O artigo apresenta uma breve contextualização em relação à forma como os *Pixadores de Elite* da cidade de Belo Horizonte se apropriam do espaço urbano. O grupo foi fundado em 1992 com o objetivo de divulgar a pixação na paisagem citadina. Dessa maneira, para esboçar a pesquisa, utilizou-se uma metodologia qualitativa através da observação participante, entrevistas

semiestruturadas e análises de reportagens entre os anos de 1992 à 2013. De acordo com os resultados da investigação, observa-se uma distinção entre a formação do grupo nos anos 90 e 2000 e, por conseguinte, uma forma diferenciada para circular pela metrópole. O contexto permitiu verificar como os jovens constituem identidades, apropriam do espaço urbano e transgridem as leis através dos nomes pixados, tomando como perspectiva a cultura de rua, a segregação social e a distinção entre o espaço público e privado.

The article shows a brief contextualization related about how the *Pixadores de Elite* from the city of Belo Horizonte and the appropriation of urban space. The group was founded in 1992 with the objective to publish the “pixação” in the citizen landscape. In this way, to delineate the survey, it was utilized a quality methodology through the participant observation, interviews semi structured and reports analysis between the years 1992 to 2013. According to the investigation results, it was possible to observe a distinction around a group formation in the years 90 and 2000. Therefore a different style starts to circle the town. The context allowed to attest how the young people creates identities, appropriated the urban space and goes beyond the law, trough written, giving their own perspective about the street culture, social segregation and the distinction between the public and private spaces.

## ÍNDICE

**Palavras-chave:** identidade, transgressão, apropriação do espaço urbano

**Keywords:** identity, transgression, appropriation of the urban space

## AUTOR

**FLÁVIA CRISTINA SOARES**

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais.

E-mail: flaviasoares@waymail.com.br